

# Programa de longo prazo

Ao fixar a TR (Taxa Referencial de Juros) em pelo menos 30% para o mês de novembro, o Governo mostra que está mesmo disposto a fazer com que os empresários desovem seus estoques e torrem seus dólares para investir no mercado financeiro. De outro lado, porém, sinaliza com inflação mais uma vez crescente, chegando agora a um patamar bastante perigoso. Já há quem aposte no retorno imediato da ciranda financeira, que tantos danos causou ao País.

Elevando os juros, o Governo tenta forçar a queda dos preços pela desova dos estoques em poder das indústrias. É claro, porém, que o principal inimigo continua a ser a inflação alta. Mas os juros elevados acabam atraindo para a especulação o dinheiro que seria usado, por exemplo, em projetos de expansão dos negócios.

A meta da atual administração é alcançar uma real economia de mercado. Mas este trajeto, que nos antigos países socialistas está sendo acelerado, aqui, além de demorado, mostra-se conturbado. São muitos e poderosos os segmentos que se recusam a aceitar esta mudança. Pretendem prorrogar ainda mais a vida de seus privilégios.

O Governo vem atuando dentro do receituário econômico mais ortodoxo. Está aplicando todos os amargos remédios que levaram à queda da inflação no Chile e no México, por exemplo. Mas aqui o receituário ainda se mostra inócuo. Até mesmo a Argentina, que padecia de índices inflacionários mais elevados que os nossos, agora desfruta de um patamar bastante baixo, mesmo para os padrões latino-americanos.

Mês a mês, a taxa inflacionária sobe. As medidas que vêm sendo adotadas parecem ser, basicamente, episódicas, como a que se deu esta semana nos mercados do ouro e do dólar.

O Banco Central retirou-se do mercado, mas teve que voltar quando a cotação da moeda norte-americana superou os mil cruzeiros.

Projeções da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), da Universidade de São Paulo, indicam que a inflação de outubro deve ficar em torno de 25%. Já o Governo aponta na direção de uma inflação de, no mínimo, 30% em novembro. Como a inflação vem subindo nos últimos meses, não exagera quem diz que estamos prestes a ingressar numa ciranda financeira.

Ocorre, porém, que a situação, hoje, é bastante diferente daquela dos últimos meses do Governo anterior, quando a inflação mensal chegou a 80%. O índice de desemprego agora é muito superior. As empresas, de modo geral, estão muito mais vulneráveis do que naquela época.

Registrando-se mesmo a explosão inflacionária, o quadro seria bem mais grave. A distribuição da renda no Brasil — que já é das piores do mundo — torna-se mais brutal ainda nestes momentos de desvario especulativo. Ganham os que têm e perdem os que não têm.

O Governo deve, ao mesmo tempo em que tenta tratar com paliativos certos problemas conjunturais, apresentar à Nação medidas de longo prazo. Deve mostrar, com urgência, um projeto mais amplo para tranquilizar a população que tanto sofre com estes percalços.